

## **ENVELHECIMENTO POPULACIONAL EM MINAS GERAIS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A CAPITAL E O INTERIOR**

Ana Paula Wendling Gomes  
Mestranda em Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa  
E-mail: anapaulawg@bol.com.br

Adriano Provezano Gomes  
Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de Viçosa  
E-mail: apgomes@ufv.br

**Resumo:** O processo de envelhecimento da população brasileira, em virtude do aumento na expectativa de vida, associado às quedas nas taxas de mortalidade e de fecundidade, trouxe à tona a preocupação da sociedade com essa significativa parcela da população. Para entender melhor como está a situação do idoso em Minas Gerais, este trabalho analisa a evolução recente do perfil sócio-demográfico dos idosos no Estado, utilizando-se os dados coletados pelo IBGE, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) no período de 1992 a 2002. Os principais resultados indicam que, enquanto a população mineira cresceu 21% nesse período, a população de 60 anos ou mais de idade cresceu 38%. Com isso, essa parcela da população já representa 10% do total de pessoas no Estado. Analisando-se os dados separadamente para a Região Metropolitana de Belo Horizonte e para o interior do Estado, percebe-se que o crescimento da população de idosos foi significativamente superior na metrópole mineira: 68% na capital contra 31% no interior. Com relação à participação dos idosos na população economicamente ativa (PEA), percebe-se maior inserção dos idosos da região metropolitana no mercado de trabalho. Enquanto o crescimento do número de idosos na PEA do interior do Estado foi de apenas 9%, na região metropolitana verificou-se crescimento de 72%. Isso significa que, proporcionalmente, houve aumento da participação da população de idosos no mercado de trabalho na capital e redução no interior. Apesar disto, apenas 27% dos idosos que trabalham e residem na Grande Belo Horizonte contribuem para algum tipo de previdência; no interior, nota-se maior preocupação dos idosos com a aposentadoria, uma vez que 79% dessa população fazem a contribuição. A aposentadoria parece não ser motivo de preocupação por parte dos jovens trabalhadores mineiros. Apenas 44,5% dos trabalhadores com idade inferior a 60 anos realizam algum tipo de contribuição previdenciária.

**Palavras-chave:** Envelhecimento populacional; População economicamente ativa; Região metropolitana e interior

## 1. Introdução

Sempre tivemos o conceito de que éramos um país jovem e o envelhecimento sendo problema dos países da Europa. No entanto, vem aumentando cada vez mais o conhecimento de dados e projeções sobre o crescimento da população idosa em nosso país, tanto em cidades do interior quanto nas capitais. Estudos demográficos começaram a mostrar números que demonstram este processo de envelhecimento e alertar a população, os profissionais da área de saúde pública e os responsáveis pelo planejamento governamental, para as conseqüências decorrentes desse novo fenômeno populacional.

O processo de envelhecimento populacional vem ocorrendo intensamente nos últimos anos em conseqüência das mudanças no comportamento demográfico, como a diminuição das taxas de mortalidade associada a uma redução dos níveis de fecundidade. Esses dois fatores estão causando importantes transformações na estrutura etária da população, levando a diminuição do número de jovens e aumento da população adulta, particularmente da população idosa. Projeções para o ano 2025 demonstram que o Brasil deverá possuir a sexta maior população idosa do mundo, com cerca de 32 milhões de pessoas com idade acima de 60 anos.

Essa nova configuração etária da população brasileira demonstra expectativas de vida cada vez maiores. Segundo dados do IBGE, hoje no Brasil temos cerca de 0,74% da população com idade igual ou superior a 80 anos. A projeção para 2020, para essa faixa é de 1,17%. Esses dados demonstram que o Brasil não é mais um país essencialmente jovem e apontam para uma situação em que, muito antes de atender às demandas sociais impostas pela população jovem, o país já enfrenta as da população idosa.

Para SCHOUERI JUNIOR et al. (1998), o aumento da expectativa de vida deve ser reconhecido como uma conquista social e está diretamente vinculado à melhoria das condições de vida, de educação e de atenção à saúde. No entanto, conforme salienta Goldani (1998) citado em CAMARANO et al. (1999), esse novo cenário é visto com preocupação por acarretar mudanças no perfil das demandas por políticas públicas, colocando desafios para o Estado, sociedade e família. Isso ocorre uma vez que os gastos sociais com o envelhecimento são encarados como consumo para o Estado. Já os gastos sociais com os jovens são percebidos como investimento e consumo. É necessário que as políticas públicas preocupem-se com o bem-estar coletivo da sociedade, e não apenas com o individual.

Paralelamente à transição que vem ocorrendo no processo demográfico, o perfil da população economicamente ativa (PEA) no Brasil tem passado por transformações, devido a

influência de fatores psicossociais, econômicos, políticos e culturais. Dentre esses, destaca-se a inserção do idoso no mercado de trabalho. Nesse sentido, VIEIRA (1999) afirma que, no Brasil, os idosos estão sendo levados a assumir papéis não previstos na literatura ou pelas políticas públicas, devido às conseqüências dos ciclos de crise econômica, enfrentada pela população, como o desemprego, o que tem levado, muitas vezes, os filhos adultos a tornarem-se dependentes de seus pais.

Para VERGARA e FLORESTA (1999), a maioria da população do Brasil que já completou 65 anos continua trabalhando, chefia as famílias a que pertencem e contribui com boa parte do rendimento familiar. Confirmando esse fato, o estudo realizado por VIEIRA (1999), mostra que a participação dos idosos na renda familiar aumentou de 37%, no início dos anos 80, para 75% em 1999.

A imagem de inutilidade do idoso é conseqüência de estereótipo criado pela própria sociedade. Isso evidentemente não é verdade. Se não houver enfermidades graves que os comprometem, os idosos podem permanecer ativos e dedicados ao trabalho, praticamente até o fim da vida.

Assim, dado o aumento dessa importante parcela da população brasileira, é de fundamental importância analisar algumas questões referentes ao idoso de hoje. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar o envelhecimento populacional do Estado de Minas Gerais e a participação do idoso mineiro no mercado de trabalho, buscando também fazer uma análise comparativa entre a capital e o interior.

Para entender melhor como está a situação do idoso em Minas Gerais, será traçada a evolução recente do perfil sócio-demográfico desse grupo, utilizando-se os dados coletados pelo IBGE, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). A análise será fundamentada no período de 1992 a 2002, buscando-se evidenciar diferenças entre o crescimento da população de idosos da metrópole e sua participação no mercado de trabalho, em relação aos idosos do interior. A idade considerada idosa para este trabalho foi a partir de 60 anos. Esta idade é a mesma estabelecida pelas Nações Unidas para os países em desenvolvimento e pela Política Nacional do Idoso para o Brasil.

## **2. Mudanças demográficas: o envelhecimento populacional**

Hoje, pode-se dizer que o Brasil tem uma população de meia idade, porque a maioria da população tem entre 30 e 60 anos. Não somos mais jovens, mas da meia idade, e estamos caminhando para ser uma população envelhecida. Até 1980, o Brasil era considerado um país jovem. Possuía uma pirâmide populacional invertida e diferente dos países desenvolvidos. A pirâmide etária nacional era bem larga na base e afunilada no topo, o que significa dizer que, até esse período, predominava uma população em idade de crescimento. Havia mais jovens do que adultos com mais de 40 anos. Mas, a partir da década de 80, a forma da pirâmide mudou. O Brasil agora é um país de meia idade. Em 2000, a base da pirâmide sofreu uma contração, principalmente na faixa etária dos que têm menos de dez anos, e, inversamente, a camada da população idosa apresentou sinais de crescimento (CAMARANO, 2001).

Outros dados demonstram o processo de mudanças demográficas no Brasil, e merecem atenção. Segundo dados do Censo 2000 do IBGE, a população total do nosso país alcançou o patamar de 170 milhões de pessoas, sendo que 8,6% são idosos. Há projeções feitas pelo próprio IBGE, segundo as quais, em 2050, a população brasileira alcançará 238 milhões de habitantes, dos quais 52 milhões (cerca de 22%) terão atingido mais de 60 anos de idade.

A população em Minas Gerais, assim como em todo o Brasil, está envelhecendo. Os dados apresentados na Tabela 1 comprovam tal afirmação, uma vez que, enquanto a população mineira cresceu cerca de 21% entre 1992 e 2002, o número de pessoas com 60 anos ou mais cresceu 37,8%. Em termos absolutos, em 1992 havia 1,34 milhão de idosos no Estado. Em 2002, esse número saltou para 1,85 milhão, ou seja, um aumento de mais de 500 mil idosos em apenas 10 anos.

Um indicador muito utilizado para acompanhar o processo de envelhecimento da população é o que relaciona o número de pessoas de 60 anos ou mais de idade para 100 crianças com idade inferior a dez anos. Em 1992, esse indicador estava em 38,8, atingindo 57,6 em 2002.

O Brasil, atualmente, de acordo com os dados do IBGE relativos ao Censo 2000, apresenta 24.576 pessoas com idade de 100 anos ou mais, com 10.423 homens e 14.153 mulheres. O Estado de Minas Gerais possui o terceiro maior número de pessoas com idade superior a cem anos; no ano de 2000, eram 2.765 idosos, posição superada apenas pelos estados de São Paulo (4.457) e Bahia (2.808).

É interessante notar, porém, que esse significativo aumento não ocorreu de forma proporcional em todo o estado. Separando-se a população em residentes na região

metropolitana de Belo Horizonte e, por subtração, residentes no interior do Estado, percebe-se que o crescimento do número de idosos foi substancialmente maior na região metropolitana da capital. Tal constatação é válida tanto para o número de homens quanto para mulheres. Aliás, pode-se dizer que, proporcionalmente, o número total de pessoas na metrópole mineira aumentou mais do que no interior, independente de sexo e idade.

Tabela 1: Variação percentual da população do Estado de Minas Gerais, da região metropolitana de Belo Horizonte e do interior, segundo sexo, no período de 1992 a 2002

Sexo	Local	Variação % da população	
		60 anos ou +	Total
Homens	Minas Gerais	36,0	19,9
	Metropolitana de BH	69,0	34,6
	Interior de MG	29,7	15,8
Mulheres	Minas Gerais	39,1	22,3
	Metropolitana de BH	68,3	35,3
	Interior de MG	32,5	18,5
Total	Minas Gerais	37,8	21,1
	Metropolitana de BH	68,5	35,0
	Interior de MG	31,2	17,2

Fonte: IBGE (2004) – Dados básicos.

Considerando que o envelhecimento da população é um processo associado ao aumento na expectativa de vida e, por consequência, na qualidade de vida, merece destaque o aumento de quase 70% na população idosa residente na região metropolitana de Belo Horizonte, intensidade essa não verificada no interior. Alguns pontos podem ser os responsáveis por esse crescimento diferenciado: em primeiro lugar, pode ser que a população do interior já tenha atingido idade média elevada em anos anteriores. Em segundo lugar, a taxa de fecundidade do interior pode ser maior que a média estadual, o que caracterizaria uma população mais jovem. Por fim, pode ser que a taxa de mortalidade e, ou expectativa de vida no interior seja menor, o que caracterizaria uma deficiência na qualidade de vida, relativamente à região metropolitana.

Para tentar entender melhor essas diferenças, a Tabela 2 apresenta a distribuição percentual das populações, de acordo com os grupos de idade. Percebe-se que, a despeito do significativo crescimento, a proporção de idosos na população total da região metropolitana é inferior à média do estado e, por consequência, do interior. Em 2002, cerca de 8,7% das pessoas residentes na região metropolitana tinham 60 anos ou mais de idade, proporção esta que já existia no interior do estado em 1992.

Tabela 2: Distribuição percentual da população do Estado de Minas Gerais, da região metropolitana de Belo Horizonte e do interior, segundo grupos de idade, nos anos de 1992 e 2002

Grupos de idade (anos)	Minas Gerais		Metropolitana de BH		Interior de MG	
	1992	2002	1992	2002	1992	2002
0 a 9	21,6	17,4	20,5	16,8	22,0	17,7
10 a 19	21,5	19,2	21,7	17,6	21,5	19,8
20 a 29	17,2	17,5	18,6	19,5	16,8	16,8
30 a 39	14,4	15,0	15,8	15,9	14,0	14,7
40 a 49	10,0	12,5	10,2	13,1	10,0	12,3
50 a 59	6,8	8,3	6,5	8,4	6,9	8,2
> 60	8,4	10,0	6,6	8,7	8,9	10,5

Fonte: IBGE (2004) – Dados básicos.

Observando-se a população com idade inferior a 20 anos, nota-se que há maior concentração relativa de jovens no interior do estado, tanto em 1992 quanto em 2002. Além disso, a redução da participação da população jovem foi maior na capital. Enquanto na região metropolitana a redução do número de pessoas nessa faixa de idade foi de 7,8 pontos percentuais, a redução ocorrida no interior foi de 6 pontos percentuais.

Assim, pelos argumentos apresentados, deve-se analisar com cautela o menor crescimento relativo da população de idosos no interior do Estado de Minas Gerais. Isto porque no interior já havia um número proporcionalmente maior de idosos no período inicial da análise, além do fato de que a redução relativa do número de jovens foi menor que a verificada para a região metropolitana.

De qualquer forma, percebe-se que, nos últimos anos, vem ocorrendo uma inversão no que tange à distribuição da população de idosos no estado de Minas Gerais. Essa constatação

é interessante, uma vez que dois fatores antagônicos atuam sobre a tomada de decisão da pessoa quando envelhece: em primeiro lugar, é comum encontrar idosos que se mudam para o interior buscando a tranquilidade oferecida pelas pequenas cidades. Por outro lado, o melhor oferecimento de serviços de saúde na capital atrai os idosos, principalmente aqueles que possuem algum familiar residindo na metrópole. Além disso, as oportunidades de obtenção de emprego na capital são maiores, como será visto a seguir. Assim, parece que os fatores relacionados à qualidade de vida no interior não estão exercendo influência sobre a população idosa ou, pelo menos, não são os principais determinantes.

Outro ponto interessante a ser verificado é o maior crescimento relativo de mulheres idosas no interior e o maior crescimento do número de homens idosos na região metropolitana. Para o estado como um todo, houve maior crescimento no número de idosas (39,1%) em relação ao número de idosos (36%). Segundo SCHOUERI JUNIOR et al. (1998), alguns fatores podem ser responsáveis pelo fato de as mulheres atingirem idades mais avançadas do que os homens. Entre estes fatores, destacam-se as moléstias profissionais, os acidentes de trabalho, o tabagismo e o alcoolismo. Além disso, as mulheres são mais atentas à sua saúde, procurando assistência médica mais precocemente que os homens, fator decisivo de melhor prognóstico de doenças crônicas.

Entretanto, os mesmos autores ressaltam que a luta pela defesa da igualdade de direitos e de oportunidades empreendida pelas mulheres, sua crescente participação no mercado de trabalho e, ainda, a progressiva incorporação de costumes e hábitos que até pouco tempo eram quase exclusivos do homem, como por exemplo, o tabagismo e o alcoolismo, podem diminuir a diferença entre os sexos quanto à exposição aos fatores de risco anteriormente referidos.

Segundo MOREIRA (2004), os diferenciais de mortalidade por sexo, que favorecem as mulheres desde os primeiros anos de vida, resultam em proporções de mulheres superiores aos homens em todos os grupos etários após a infância. Nos países subdesenvolvidos, onde os diferenciais de mortalidade entre homens e mulheres persistem expressivos até as idades mais avançadas, a diferença no número de mulheres e homens idosos amplia-se nos grupos etários mais velhos e, com a trajetória projetada de ampliação da expectativa de vida, acompanhada por aumento no diferencial de mortalidade entre homens e mulheres, é esperada uma intensificação do processo de envelhecimento feminino.

Em relação às variações do número de pessoas de acordo com a situação do domicílio (se urbana ou rural), os dados apresentados na Tabela 3 dizem respeito ao Estado de Minas Gerais como um todo. De modo geral, as variações verificadas para a população rural

seguiram a tendência da população total, ou seja, crescimento da população urbana e redução da rural. Embora a tendência tenha sido a mesma, as magnitudes foram diferentes. A redução da população de idosos no meio rural foi significativamente menor que a média da população total. Porém, o crescimento da população idosa residente nas cidades foi significativamente maior que a média geral.

Tabela 3: Variação percentual da população do Estado de Minas Gerais, segundo a situação do domicílio e o sexo, no período de 1992 a 2002

Sexo	Situação do Domicílio	Variação % da população	
		60 anos ou +	Total
Homens	Urbana	53,0	32,9
	Rural	-2,7	-19,4
Mulheres	Urbana	52,7	34,7
	Rural	-2,0	-21,3
Total	Urbana	52,8	33,8
	Rural	-2,4	-20,3

Fonte: IBGE (2004) – Dados básicos.

Em termos de número de pessoas, em 1992 haviam 180.147 homens e 186.333 mulheres com idade acima de 60 anos residindo no meio rural. Isto representa uma proporção de 1,03 mulher por homem. Nesse mesmo ano, os números de cidadãos idosos eram de 410.280 homens e 564.692 mulheres, o que representa uma relação de 1,38 mulher por homem. Em 2002, enquanto o número de idosas residentes no campo era de 182.539, o de idosos era de 175.222, possibilitando uma relação de 1,04 mulher por homem. Já nas cidades residiam 862.467 idosas e 627.697 idosos, cuja proporção é de 1,37 mulher por homem. Estes números indicam que, mesmo havendo pequena redução, a relação do número de mulheres idosas para cada idoso ainda permanece maior nas cidades do que no campo.

Segundo MOREIRA (2004), o processo de concentração dos idosos nas áreas urbanas é mais visível em termos absolutos, pois acompanha o movimento geral de urbanização da população. Em termos relativos, a urbanização do envelhecimento é amortecida pelo fato de que as populações rurais apresentam níveis de fecundidade mais elevados do que as populações urbanas e, conseqüentemente, estruturas etárias mais jovens, que são exportadas



para as áreas urbanas por meio da migração, retendo os contingentes mais idosos, apresentando, assim, populações relativamente envelhecidas.

Um ponto negativo pode ser verificado na Tabela 4, cujos dados medem a variação da população alfabetizada e não alfabetizada no período em análise.

Tabela 4: Variação percentual da população do Estado de Minas Gerais, da região metropolitana de Belo Horizonte e do interior, segundo a alfabetização, no período de 1992 a 2002

Sexo	Local	Condição de alfabetização	Variação %		
			60 anos ou +	Total	
Homens	Minas Gerais	Alfabetizadas	51,1	24,9	
		Não alfabetizadas	12,0	-20,2	
	Metropolitana	Alfabetizadas	80,2	35,5	
		Não alfabetizadas	25,9	-8,4	
	Interior	Alfabetizadas	43,4	21,6	
		Não alfabetizadas	10,7	-21,9	
	Mulheres	Minas Gerais	Alfabetizadas	74,9	28,1
			Não alfabetizadas	3,8	-21,1
Metropolitana		Alfabetizadas	84,1	37,1	
		Não alfabetizadas	32,3	-5,8	
Interior		Alfabetizadas	71,6	25,2	
		Não alfabetizadas	0,2	-23,7	
Total		Minas Gerais	Alfabetizadas	63,2	26,5
			Não alfabetizadas	6,9	-20,6
	Metropolitana	Alfabetizadas	82,3	36,3	
		Não alfabetizadas	30,3	-7,0	
	Interior	Alfabetizadas	57,3	23,4	
		Não alfabetizadas	4,2	-22,8	

Fonte: IBGE (2004) – Dados básicos.

Pelos dados apresentados nessa tabela, percebe-se que tem aumentado o número de pessoas alfabetizadas e reduzido o número de não alfabetizados, em todas as regiões do

estado, independente do sexo. Porém, isso não se verifica na população de idosos. Apesar de ter aumentado proporcionalmente mais a quantidade de idosos alfabetizados, aumentou, também, a quantidade de analfabetos, principalmente na região metropolitana. Essa é uma situação inconcebível, cuja solução deve ser buscada por todas as pessoas envolvidas no processo educacional, desde políticos a professores.

Em síntese, pode-se resumir essa primeira parte do trabalho nos seguintes pontos: a) a população do estado de Minas Gerais está envelhecendo; b) a população idosa cresceu proporcionalmente mais na região metropolitana do que no interior do estado; c) a população idosa feminina cresceu relativamente mais no interior, enquanto a masculina cresceu mais na capital; d) embora tenha ocorrido redução na população de idosos nas zonas rurais do estado, essa redução foi cerca de 8,5 vezes menor que a redução da população rural total; e e) o número de idosos analfabetos aumentou, principalmente na região metropolitana de Belo Horizonte.

### **3. A participação do idoso no mercado de trabalho**

Conforme os dados apresentados na Tabela 5, também existem diferenças regionais na participação dos idosos na população economicamente ativa (PEA). Observando-se tais dados, percebe-se que, para o Estado de Minas Gerais como um todo, o crescimento da PEA total foi maior que o número de pessoas economicamente ativas com idade superior a 60 anos (21,5 contra 16,8). Vale ressaltar que esse dado difere de comparações anteriores. Em trabalho realizado por GOMES e GOMES (2001), utilizando dados referentes ao período de 1992 a 1999, constatou-se maior crescimento da PEA idosa em relação à PEA total, tanto em Minas Gerais quanto na Região Sudeste e no Brasil. Isso significa que ocorreram mudanças estruturais na composição da PEA nos últimos três anos. Essas modificações podem estar relacionadas ao agravamento da crise de empregos no país, a qual pode estar prejudicando em maior intensidade a população mais velha.

Contudo, não há simetria nas distribuições entre as regiões do estado. Isso porque o crescimento da PEA idosa residente na região metropolitana foi quase oito vezes maior que a residente no interior (72,0 contra 9,2). Com isso, o número de idosos economicamente ativos residentes na metrópole mineira cresceu mais que a PEA total dessa região. CAMARANO (2001) afirma que o aumento da população idosa economicamente ativa pode estar associado ao fato de que, conjugado ao aumento da longevidade com melhores condições de saúde, a pessoa ao atingir 60 anos é ainda criativa e eficaz, tendo possibilidades de exercer uma

atividade econômica. Além disto, a contratação de um idoso apresenta algumas vantagens ao empregador quando comparado à contratação de um jovem. Dentre essas vantagens destacam-se a ausência da necessidade de pagar vale-transporte, não precisam enfrentar filas e o fato de que o idoso pode aceitar com mais facilidade um emprego com baixas garantias.

Tabela 5: Variação percentual da população economicamente ativa do Estado de Minas Gerais, da região metropolitana de Belo Horizonte e do interior, no período de 1992 a 2002

Sexo	Local	Variação % da PEA	
		60 anos ou +	Total
Homens	Minas Gerais	16,7	14,7
	Metropolitana de BH	74,7	36,7
	Interior de MG	9,1	9,1
Mulheres	Minas Gerais	17,0	31,8
	Metropolitana de BH	68,1	55,9
	Interior de MG	9,4	25,0
Total	Minas Gerais	16,8	21,5
	Metropolitana de BH	72,0	44,7
	Interior de MG	9,2	15,4

Fonte: IBGE (2004) – Dados básicos.

De fato as empresas estão se beneficiando com a volta do idoso ao mercado de trabalho. Mas não é só isso, os idosos estão encontrando no trabalho uma forma de acabar com a solidão, melhorando sua auto-estima e o convívio social, além de proporcionar um aumento na sua renda familiar. Porém, diante da realidade de desemprego em nosso país, a população idosa também exerce pressão sobre o mercado de trabalho, a exemplo dos milhares de jovens que todo ano começam disputar por uma vaga de emprego.

Analisando-se os dados separadamente por sexo, nota-se que, para o estado como um todo, houve crescimento maior do número de mulheres idosas economicamente ativas, em relação aos homens. Tal fato está associado ao aumento no número de idosas superior aos idosos.

Contudo, há distinções regionais quando se comparam as variações da PEA idosa por sexo. Seguindo a distribuição da população total, o número de mulheres idosas

economicamente ativas no interior de Minas Gerais cresceu relativamente mais que o dos homens idosos. Por outro lado, o crescimento da PEA masculina com idade superior a 60 anos foi superior ao das mulheres residentes na região metropolitana.

Um ponto interessante, que completa a análise anterior, é a variação da PEA segundo a situação do domicílio, apresentada na Tabela 6. De acordo com esses dados, enquanto a PEA total rural reduziu 20,6% entre 1992 e 2002, a PEA rural composta por pessoas com idade superior a 60 anos aumentou 2,7%. Esses dados confirmam a maior disposição dos jovens em abandonar o campo, em busca de empregos na cidade.

Tabela 6: Variação percentual da população economicamente ativa do Estado de Minas Gerais e do Brasil, segundo a situação do domicílio e o sexo, no período de 1992 a 2002

Sexo	Situação do Domicílio	Variação % da PEA	
		60 anos ou +	Total
Homens	Urbana	29,7	29,8
	Rural	-1,0	-23,8
Mulheres	Urbana	25,9	47,8
	Rural	9,0	-15,1
Total	Urbana	28,2	37,1
	Rural	2,7	-20,6

Fonte: IBGE (2004) – Dados básicos.

Contudo, observa-se, também, que o aumento no número de idosos participantes da PEA rural deveu-se, exclusivamente, ao aumento do número de mulheres. Enquanto o número de homens de 60 anos ou mais que participam da PEA rural caiu 1%, o de mulheres aumentou 9%. Esses dados são muito interessantes, pois revelam uma possível mudança nos sistemas de produção agrícola, inclusive nos tipos de culturas. É razoável essa suposição, uma vez que a redução de jovens e de homens idosos no cultivo agrícola forçou a participação de mulheres idosas, as quais, obviamente, não possuem a mesma força física. Outro ponto seria a maior tolerância das idosas a baixos salários. Em pesquisa realizada pelo IBGE (2000), ficou demonstrado que os idosos residentes na área rural de Minas Gerais recebem, em média, 63,7% do rendimento dos idosos das áreas rurais de São Paulo.

A análise realizada para o meio rural não se repete no meio urbano. Nas cidades mineiras, o crescimento do número de idosas economicamente ativas ficou muito aquém do crescimento da PEA feminina total (25,9 contra 47,8). O mesmo não se pode dizer dos homens, uma vez que o número de idosos na PEA urbana aumentou na mesma proporção que a PEA urbana total. Deduz-se que esse crescimento significativo da PEA feminina total em relação a PEA idosa, possa ser pela conquista cada vez maior da mulher adulta no mercado de trabalho, visto que esse quadro é recente.

Comparando-se os dados da Tabela 6 com os da Tabela 3, constata-se que, mesmo aumentando o número de mulheres acima de 60 anos nas cidades e diminuindo no campo, as idosas que permanecem no campo continuam ativas. O mesmo não se pode dizer das idosas que residem nas cidades mineiras, ao menos não na mesma intensidade. Isto porque a participação das mulheres com idade acima de 60 anos na população urbana aumentou em 52,7%% (Tabela 3) e o número de mulheres urbanas economicamente ativas nessa faixa de idade cresceu apenas 25,9% (Tabela 6). Por outro lado, o número de idosas no meio rural diminuiu 2% (Tabela 3), enquanto a PEA de mulheres idosas no campo aumentou 9% (Tabela 6).

Além das diferenças regionais e de situação do domicílio, o tipo de ocupação exercido pelos idosos também diferiu substancialmente entre os sexos. Esse fato pode ser verificado observando-se os dados da Tabela 7, a qual apresenta a variação da PEA, segundo o tipo de ocupação. Vale ressaltar que os tipos de ocupação descritos representam todas as categorias englobadas na análise da população economicamente ativa, ou seja, referem-se às pessoas que estão desenvolvendo algum tipo de atividade, remunerada ou não.

Independente do local e da idade, os dados apresentados revelam que houve maior crescimento de homens ocupando-se como trabalhadores domésticos. Essa parece ser uma situação nova para o sexo masculino, talvez imposta pelas dificuldades na obtenção de outros empregos. Atualmente, não é incomum os homens se ocuparem de tarefas domésticas, enquanto as mulheres exercem outras atividades profissionais. Destaca-se o significativo aumento do número de mulheres que atuam no mercado de trabalho como empregadoras, em todas regiões do estado.

Para as idosas, não houve essa homogeneidade nos crescimentos entre as categorias de ocupação. Para o estado de Minas Gerais e interior, o maior crescimento ocorreu na categoria empregado (60,2% e 40,1%, respectivamente), enquanto, para a região metropolitana, o maior aumento ocorreu na categoria empregador (149,6%), embora a segunda posição tenha ficado também com a categoria empregado.

Tabela 7: Variação percentual da população ocupada do Estado de Minas Gerais, da região metropolitana de Belo Horizonte e do interior, segundo o sexo e o tipo de ocupação, no período de 1992 a 2002

Tipo de ocupação*	Local	Homens		Mulheres	
		60 anos ou +	Total	60 anos ou +	Total
Empregado	Minas Gerais	12,5	19,1	60,2	48,1
	Metrop. de BH	74,8	35,5	128,2	64,6
	Interior de MG	2,4	14,2	40,1	41,9
Trabalhador doméstico	Minas Gerais	151,9	91,1	39,6	30,7
	Metrop. de BH	328,2	120,0	49,7	39,4
	Interior de MG	110,2	75,1	34,2	28,0
Conta própria	Minas Gerais	6,6	1,5	45,2	27,8
	Metrop. de BH	87,1	28,1	76,7	38,2
	Interior de MG	-1,1	-3,4	38,9	24,2
Empregador	Minas Gerais	22,1	24,0	54,6	129,7
	Metrop. de BH	34,3	52,7	149,6	123,7
	Interior de MG	20,1	17,0	36,7	132,7
Não remunerado	Minas Gerais	-9,6	-36,4	20,4	-3,4
	Metrop. de BH	-14,6	-39,2	113,6	21,9
	Interior de MG	-8,1	-36,2	11,9	-5,1
Produção para consumo próprio	Minas Gerais	30,2	25,7	-6,8	-14,0
	Metrop. de BH	76,2	26,8	18,8	-1,1
	Interior de MG	25,8	25,6	-9,0	-15,1

Fonte: IBGE (2004) – Dados básicos.

\* Não foi utilizada a categoria construção para uso próprio, uma vez que representa menos de 1% da mão-de-obra total

Quando a análise é feita sob a forma de variação percentual, pode ser que a magnitude dos números apresentados impressione mais do que a realidade mostra. Esse é o caso do crescimento registrado em algumas categorias de ocupação pelas idosas. Para se ter uma idéia, em 1992 existiam 16.761 mulheres com 60 anos ou mais na categoria empregadas em Minas Gerais. Em 2002, esse número subiu para 26.853, ou seja, um aumento de 10.092 mulheres

ou, de modo equivalente, 60,2% de aumento. Por outro lado, em 1992 existiam 38.177 mulheres idosas ocupadas por conta própria, cujo número subiu para 55.444, isto é uma variação absoluta de 17.267 ou 45,2%.

De qualquer forma, proporcionalmente dizendo, a preferência das idosas mineiras tem sido trabalhar como empregadas, enquanto os idosos ocupam, preferencialmente, a categoria trabalhador doméstico. Obviamente tal constatação não se aplica a toda a população idosa feminina. O crescimento do trabalho não remunerado por parte desse grupo de senhoras comprova tal fato.

Em virtude do tipo de ocupação e nível educacional, percebem-se diferenças nas categorias de empregos entre os grupos de idades e regiões do estado, conforme os dados apresentados na Tabelas 8.

Tabela 8: Variação percentual da população do Estado de Minas Gerais, da região metropolitana de Belo Horizonte e do interior, segundo a categoria de emprego, no período de 1992 a 2002

Categoria de emprego	Local	Variação %	
		60 anos ou +	Total
Com carteira assinada	Minas Gerais	22,7	35,1
	Metropolitana	58,8	29,1
	Interior	12,3	38,1
Militares e funcionários públicos estatutários	Minas Gerais	93,7	15,5
	Metropolitana	55,6	39,5
	Interior	110,2	8,1
Outros	Minas Gerais	6,8	21,2
	Metropolitana	146,3	111,2
	Interior	-6,5	9,1

Fonte: IBGE (2004) – Dados básicos.

Em termos gerais, empregos com carteira assinada têm ganhado espaço no interior do estado, enquanto na região metropolitana houve maior crescimento em outros empregos, seguido pela categoria militares e funcionários públicos estatutários. Em relação à população idosa do interior do estado, o maior crescimento foi o da categoria militares e funcionários públicos, enquanto outros empregos cresceram mais na região metropolitana da capital.

Além desses crescimentos, a análise é completada pela distribuição final das categorias de emprego em 2002, apresentada na Tabela 9.

Tabela 9: Distribuição da população do Estado de Minas Gerais, da região metropolitana de Belo Horizonte e do interior, segundo a categoria de emprego, no ano de 2002

Categoria de emprego	Local	Distribuição % em 2002	
		60 anos ou +	Total
	Minas Gerais	36,3	53,9
Com carteira assinada	Metropolitana	43,8	62,2
	Interior	33,9	50,7
Militares e funcionários públicos estatutários	Minas Gerais	13,2	11,1
	Metropolitana	13,5	11,4
	Interior	13,1	11,0
Outros	Minas Gerais	50,6	35,0
	Metropolitana	42,7	26,3
	Interior	53,0	38,3

Fonte: IBGE (2004) – Dados básicos.

De acordo com esses dados, a categoria que possui mais empregados é aquela com carteira assinada, independente da região. Para a população mais velha, predominam empregos com carteira assinada na região metropolitana, porém, outros empregos são mais utilizados no interior.

Apesar de menor número de pessoas, o crescimento verificado na categoria militares e funcionários públicos, principalmente entre os idosos, fez com que essa categoria ganhasse espaço nos últimos anos. Em 2002, um em cada nove trabalhadores empregados em Minas Gerais era militar ou funcionário público. Para a população idosa, essa relação é de 1 para 7,6; em 1992, era de 1 para 12,3.

Por fim, os dados apresentados nas Tabelas 10 e 11 referem-se à contribuição dos trabalhadores para a previdência. Vale ressaltar que a contribuição está relacionada a qualquer tipo de trabalho, e não apenas ao trabalho principal.



Tabela 10: Variação percentual dos contribuintes para previdência do Estado de Minas Gerais, da região metropolitana de Belo Horizonte e do interior, no período de 1992 a 2002

Sexo	Local	Variação %	
		60 anos ou +	Total
Homens	Minas Gerais	230,1	17,9
	Metropolitana	37,6	21,3
	Interior	270,7	16,5
Mulheres	Minas Gerais	804,8	49,3
	Metropolitana	42,6	59,1
	Interior	1274,3	44,9
Total	Minas Gerais	329,2	28,6
	Metropolitana	39,1	34,8
	Interior	406,3	25,9

Fonte: IBGE (2004) – Dados básicos.

Considerando-se as variações, percebe-se que os idosos ficaram proporcionalmente mais preocupados com a contribuição para a previdência. Isso porque enquanto a PEA idosa cresceu 16,8% no estado de Minas Gerais, os contribuintes nessa faixa etária aumentaram em 329,2%. Além disso, o aumento do total de contribuintes em 28,6% foi superior ao crescimento registrado para a PEA total, que foi de 21,5%. Se esses dados são bons, eles se devem às atitudes tomadas pelos trabalhadores no interior do estado. Na região metropolitana de Belo Horizonte, local de maior dinamismo da economia mineira, o aumento de contribuintes de 34,8% não foi suficiente para compensar o aumento de 44,7% na PEA. Esse é um fato preocupante, uma vez que muitos jovens trabalhadores não estão conscientes da necessidade de contribuir para algum tipo de previdência, visando maior tranquilidade no futuro. Os dados apresentados na Tabela 8 permitem uma melhor compreensão dessa distribuição.

Apesar de o número de contribuintes na região metropolitana ter crescido menos que a PEA, cerca de 60% dos trabalhadores daquela região realizam algum tipo de contribuição. No estado como um todo, nem a metade dos trabalhadores age dessa forma. Entre as mulheres, esse número é ainda menor.

Quando se analisam os dados para a população idosa, a situação inverte, ou seja, os idosos do interior, tanto homens quanto mulheres, contribuem significativamente mais para a

previdência do que os da região metropolitana. Esse ponto contrasta com aquele abordado na Tabela 5, cujos dados demonstram maior crescimento da PEA idosa na metrópole.

Tabela 11: Percentual de pessoas ocupadas que contribuíram para a previdência no Estado de Minas Gerais, na região metropolitana de Belo Horizonte e no interior, no ano de 2002

Sexo	Local	% de contribuintes em 2002	
		60 anos ou +	Total
Homens	Minas Gerais	72,71	48,76
	Metropolitana	31,07	62,31
	Interior	81,23	44,64
Mulheres	Minas Gerais	65,32	43,01
	Metropolitana	21,14	57,46
	Interior	75,39	38,22
Total	Minas Gerais	69,83	46,32
	Metropolitana	27,00	60,18
	Interior	78,98	41,95

Fonte: IBGE (2004) – Dados básicos.

Um ponto que merece atenção é a baixa participação de trabalhadores com idade inferior a 60 anos na contribuição previdenciária. Em todo o Estado de Minas Gerais, apenas 44,5% dos trabalhadores não idosos contribuem para a previdência. Separando-se por sexo, a contribuição dos homens atinge 46,8% do total, enquanto a das mulheres é de apenas 41,5%. Fica fácil perceber a complexidade desse assunto, uma vez que a não contribuição aos institutos de previdência quando jovem, forçará os trabalhadores a continuarem em atividade quando velhos.

Os seguintes pontos resumem a segunda parte do trabalho: a) o crescimento da população economicamente ativa com idade superior a 60 anos foi inferior ao crescimento da PEA como um todo; b) o crescimento do número de idosos economicamente ativos foi cerca de oito vezes maior na região metropolitana, em relação ao verificado no interior do estado; c) no meio rural, somente houve crescimento na PEA composta por mulheres com idade superior a 60 anos; d) nas áreas urbanas, o crescimento do número de idosas economicamente ativas foi significativamente inferior ao crescimento da PEA feminina total; e) independente do local e da idade, houve maior crescimento de homens ocupando cargos de trabalhadores

domésticos; f) para as idosas, o maior crescimento ocorreu na categoria empregados; g) a principal categoria de empregos em Minas Gerais é aquela com carteira assinada; e h) nos últimos anos tem crescido em maior intensidade a preocupação dos idosos relacionada à contribuição para a previdência. Vale destacar que menos da metade das pessoas ocupadas em Minas Gerais contribuem para a previdência.

#### **4. Considerações finais**

O processo de envelhecimento da população brasileira é um fenômeno que se encontra em uma grande expansão. Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, bem como no interior do Estado, os dados apresentados demonstraram essa evolução. Contudo, o crescimento do número de idosos foi significativamente maior na região metropolitana.

O envelhecimento da população metropolitana, por sua vez, afetou profundamente a composição etária da População Economicamente Ativa (PEA), a qual cresceu cerca de oito vezes mais do que a PEA de idosos no interior do estado. Porém, com relação ao estado de Minas Gerais como um todo, o crescimento da (PEA) idosa foi inferior ao crescimento da PEA total.

O envelhecimento é um processo normal, e não uma doença, sendo um processo inevitável e irreversível em países que almejam maior desenvolvimento. Porém, nesse perfil populacional, existe grande chance de doenças crônico-degenerativas, consequência do próprio processo de envelhecimento, mas que podem ser as principais geradoras de incapacidades e dependência. Tal situação requer que a sociedade destine maior quantidade de recursos para a saúde, principalmente saúde do idoso. Essas condições crônicas que frequentemente acompanham o envelhecimento podem ser prevenidas ou retardadas, não só por intervenções médicas, mas também por intervenções sócio-econômicas, políticas e culturais.

Para tanto, cabe a conscientização da população, a adequação da legislação brasileira a tal demanda e, no âmbito acadêmico, a formação de profissionais de saúde com conhecimentos e experiência para lidar, em caráter interdisciplinar, com essa significativa parcela da população.

Outro ponto que merece destaque é o reduzido número de jovens trabalhadores que contribuem para a previdência. A inexistência de renda proveniente da aposentadoria força as pessoas a trabalharem até mais tarde, originando um ciclo, ou seja, a não contribuição com a previdência induz os idosos a trabalhar que, por sua vez, reduz a disponibilidade de emprego

para os mais jovens, os quais deixam de contribuir para a previdência. Aspectos como esse devem ser considerados pelas políticas que visam aumentar o bem-estar da crescente população de idosos.

## 5. Referências bibliográficas

CAMARANO, A.A. (Coord.) **Como vai o idoso brasileiro?** Rio de Janeiro: IPEA, 1999. 63p. (Texto para Discussão nº 681).

CAMARANO, A.A. **O idoso brasileiro no mercado de trabalho.** Rio de Janeiro: IPEA, 2001. 27 p. (Texto para Discussão número 830)

GOMES, A.P.W., GOMES, A.P. O idoso mineiro no mercado de trabalho. In: V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes, **Anais...** Ouro Preto: UFOP, 2001. 15p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000.** 2002. 99 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Banco de dados.** (<http://www.ibge.gov.br>). [20/01/2004].

MOREIRA, M.M. **Envelhecimento da população brasileira: aspectos gerais.** (<http://www.fundaj.gov.br/docs/text/pop/2001-5.doc>). [20/01/2004].

SCHOUERI JUNIOR, R., RAMOS, L.R., PAPALÉO NETTO, M. Crescimento populacional: aspectos demográficos e sociais. In: CARVALHO FILHO, E.T., PAPALÉO NETTO, M. **Geriatrics: fundamentos, clínica e terapêutica.** São Paulo: Atheneu Editora, 1998.

VERGARA, R., FLORESTA, C. Idosos no Brasil estão cada vez mais ativos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 de agosto de 1999. Cotidiano, p.1.

VIEIRA, M. Produtividade ainda contém emprego. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19 de dezembro de 1999. Economia, p.4.